

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Coleção *Os Pensadores*. Trad.: Lourdes Santos Machado. Volume 11, São Paulo: Nova Cultura, 1997.

ROSSI, Roberto. **Introdução à Filosofia: História e sistemas**. São Paulo: Loyola, 1996.

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2ª. Ed. São Paulo: Moderna, 1994.

COTRIM, Gilberto. **Educação para um escola democrática: História e filosofia da educação**. 2ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 10ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MONROE, Paul. **História da Educação**. 13ª. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

PADOVANI, Humberto & CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

PILETTI, Nelson & PILETTI, Claudino. **Fundamentos de metodologia científica**. 3º. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **História da educação**. 7ª. ed. São Paulo: Ática, 1997.

- Educação natural, resultante de ação dos instintos e não de imposições externas;
- Educação como processo: não se deve fazer a criança infeliz hoje em nome de um futuro incerto;
- Simplificação do processo educativo: em contato com a natureza, a educação ocorre de maneira simples e feliz;
- Importância da criança: a educação passa a ser vista da perspectiva da criança.

“A criança que lê não pensa, só lê, não se instrui, aprende palavras. Tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza, muito em breve o tornareis curioso”.¹

Conclui-se então que Rousseau ressalta que a educação é o caminho para a sociedade renovada, com todo o seu rigor e sua expansão social, bloqueando no berço toda forma de ansiedade pelo futuro, que apaga a alegria do presente, dominada pela vontade geral, evitando assim falsos sentimentos, provocadas por uma sociedade competitiva e esmagadora. Sendo que a educação é uma questão que merece atenção e respeito, pois é a partir dela que se abrem novos caminhos na vida de todo ser humano. Por isso, é necessário que ela esteja presente na vida de todos com igualdade e qualidade. Uma educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos, sem provocar exclusão social, ao alcance de todos. É dever de todos engajar-se neste processo, lutando para que ela seja permanente e transformadora, formando cidadãos novos e conscientes de que juntos construiremos uma nova história e assim, torna a educação verdadeiramente universal, formativa, de modo que socialize a cultura herdada, dando a todos os instrumentos de crítica nessa mesma cultura, só será possível pelo desenvolvimento da capacidade de trabalho intelectual e manual integrados.

¹ Ibid, p. 176.

- Educação natural, resultante de ação dos instintos e não de imposições externas;
- Educação como processo: não se deve fazer a criança infeliz hoje em nome de um futuro incerto;
- Simplificação do processo educativo: em contato com a natureza, a educação ocorre de maneira simples e feliz;
- Importância da criança: a educação passa a ser vista da perspectiva da criança.

Conclui-se então que Rousseau ressalta que a educação é o caminho para a sociedade renovada, com todo o seu rigor e sua expansão social, bloqueando no berço toda forma de ansiedade pelo futuro, que apaga a alegria do presente, dominada pela vontade geral, evitando assim falsos sentimentos, provocadas por uma sociedade competitiva e esmagadora. Sendo que a educação é uma questão que merece atenção e respeito, pois é a partir dela que se abrem novos caminhos na vida de todo ser humano. Por isso, é necessário que ela esteja presente na vida de todos com igualdade e qualidade. Uma educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos, sem provocar exclusão social, ao alcance de todos. É dever de todos engajar-se neste processo, lutando para que ela seja permanente e transformadora, formando cidadãos novos e conscientes de que juntos construiremos uma nova história e assim, torna a educação verdadeiramente universal, formativa, de modo que socialize a cultura herdada, dando a todos os instrumentos de crítica nessa mesma cultura, só será possível pelo desenvolvimento da capacidade de trabalho intelectual e manual integrados.

“A criança que lê não pensa, só lê, não se instrui, aprende palavras. Tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza, muito em breve o tornareis curioso”.¹

¹ Ibid, p. 176.

totalmente isolado da sociedade e não tivesse contrato social, senão com seu mestre.

O aluno somente entraria na sociedade quando a tendência para a socialização surgisse como uma de suas necessidades naturais. Isto aconteceria na adolescência, após o desenvolvimento da razão. Então, Rousseau centralizou os interesses pedagógicos no aluno, não mais no professor. Isso ressalta a qualidade da criança que não deve ser encarada como um adulto em miniatura. Assim, para Rousseau faz parte do processo pedagógico tradicional, na qual parte uma concepção de natureza humana universal que a partir de Rousseau a natureza infantil adquiriu um novo significado. Até então, a natureza da criança era vista de forma negativa, enquanto que na nova pedagogia, imaginada por ele essa natureza passou a ser tratada como positiva.

A pedagogia tradicional não ignorava a natureza da criança, mas a concebia como qualidade de corrupção. Para a nova, a corrupção é de origem social, daí a necessidade de exemplo e da imagem do pedagogo, visto como homem ideal. Antes de Rousseau, a infância era uma carga de negatividade que o termo encerra. Na nova pedagogia, a criança traduz a inocência, o processo e a capacidade de desenvolvimento. Essa nova concepção pedagógica vê na criança aquilo que virá a ser. Ela é julgada em seu próprio desenvolvimento e não pelo que lhe falta desenvolver. Elas se movem em direção ao futuro.

Portanto, a pedagogia nova afirma a igualdade natural dos homens e isso corresponde a crer na igualdade dos direitos de todos e na possibilidade de mobilidade social. É uma pedagogia que leva em conta o ponto de vista sóciopolítico, a pedagogia nova apesar de suas qualidades ainda não conseguiu dar esse passo, abrindo espaço para a pedagogia libertadora e semelhante.

É importante também que a criança receba uma educação religiosa, mas que ela ocorra respeitando as tendências de cada uma, ou seja, sem imposições ou dogmatismo, a criança ao atingir a idade da razão, deve estar apta a escolher a doutrina a qual quer optar.

A influência de Rousseau na educação foi muito importante, pois propôs a educação de acordo com a natureza, com as inclinações naturais do indivíduo nas diversas fases do seu desenvolvimento. As principais contribuições de Rousseau para a educação envolvem as seguintes idéias:

A descrição de um sistema de educação baseando em sua experiência de vida, acentua harmoniosamente sua preocupação com o estudante. Acreditou ser possível preservar a natureza da criança através de métodos relacionados entre educação e meio ambiente, baseando em análise das fases físicas e psicológicas vivenciadas até o momento. O que o pedagogo precisa fazer é facilitar, dar oportunidades para aprender. Se houver um conflito no ensino da criança, sua educação será comprometida, se o seu ensino estiver de acordo e coerente, suas metas serão atingidas. Somente a educação dos homens pode ser controlada, esperar dirigir as palavras e ações das crianças é pura ilusão. Como uma arte, o sucesso da educação é quase impossível devido às condições essenciais do sucesso estarem fora do nosso alcance. Na necessidade em desenvolver oportunidades para experiências e novas reflexões, surgem idéias que determinam o caminho do provável sucesso. Toda mente tem sua própria característica e requer uma educação individualizada. A criança possui um impulso à atividade, ansiedade que vem a ser substituída pela curiosidade. O ambiente é um fator determinante no sucesso da educação.

Entende-se que a educação era a crença na bondade natural do homem, e a atribuição à civilização da responsabilidade pela origem do mal. Se o desenvolvimento adequado é estimulado, a bondade natural do indivíduo pode ser protegida da influência corruptora da sociedade. Assim, os objetivos da educação para Rousseau, comportam dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais. O mestre deve educar o aluno baseado nas suas motivações naturais. Deste modo nos tornamos conscientes de nossas sensações e podemos procurar ou evitar objetos que as produzem.

Essencialmente o mestre deve educar o aluno pelo desenvolvimento natural do aluno, ao mesmo tempo mantém em mente o contexto social no qual o aluno eventualmente será um membro. Isso somente pode ser conseguido em um ambiente muito controlado. Esse ambiente em que o aluno vive deve ser tal que não haja nenhuma restrição física que não venha do próprio aluno, e depois de desenvolver-se cognitivamente, até aos 15 anos não deveria haver qualquer restrição moral em seu ambiente. O objetivo é que o aluno desenvolva plenamente seu "eu" natural. Obviamente, uma tal educação só seria possível se o aluno fosse

Conclusão

Ao concluir este trabalho compreende-se que a pedagogia proposta por Rousseau provocou uma revolução no campo educacional do século XVIII, em que a educação não deveria ter por alvo instruir, mas simplesmente permitir que as tendências naturais chegassem a seus resultados naturais.

Percebe-se que sua obra representa um marco na história da pedagogia moderna, pois Rousseau é considerado o grande teórico da educação e o inovador do processo educacional, pois combateu idéias que prevaleciam há muito tempo. Entre elas, a de que a teoria e prática educacional, junto à criança deviam focalizar os interesses do adulto e da vida adulta. Ele também chamou a atenção para as necessidades da criança e as condições de seu desenvolvimento.

Pode-se notar que claramente em sua educação, do primeiro momento de vida, os homens deveriam começar aprendendo a merecer viver. É no nascimento que iniciamos nossa participação dos direitos da cidadania. Se há leis para a maturidade, a infância também deveria ter suas leis. O governo deveria interferir nos preconceitos dos pais com relação a educação das crianças. A educação é mais importante para o estado que aos pais. Devido ao curso natural da vida os pais morrem, esse fato interfere na educação. E o país sentirá esse efeito.

Para Rousseau, a educação não vem de fora, é a expressão livre da criança no seu contato com a natureza. Ao contrário da rígida disciplina e excessivo uso da memória, propôs serem trabalhadas com a criança: o brinquedo, o esporte, a agricultura e o uso de instrumentos de variados ofícios, linguagem, conto e geometria. Através dessas atividades, a criança estaria medindo, cantando, pensando. Portanto, estariam sendo desenvolvidas atividades relacionadas à vida e aos seus interesses.

As principais contribuições de Rousseau, que influenciaram toda a educação posterior foram quatro: a educação natural, a educação como processo, a simplificação do processo educativo, a importância da criança.

“O que devemos pensar dessa educação bárbara que sacrifica o presente a um futuro incerto, que sobrecarrega a criança com cadeias de todas as espécies e começa por fazê-la infeliz visando prepará-la muito tempo antes para uma pretensa felicidade que provavelmente nunca chegará a gozar”.²

A educação não é mais um processo artificial, áspero, antipático, repressivo de todas as inclinações naturais, pelo qual a criança como pequeno homem se transforma num grande nas mãos do seu mestre. Assim o fim se alcança não com a virada como adulto, mas com cada dia que passa, pois a vida tem cada dia as suas atividades naturais, seus deveres apropriados e suas satisfações correspondentes.

A partir de Rousseau, começou a intensificar-se a tendência psicológica na educação, a tendência a ver a educação a partir da criança, da sua natureza, dos seus instintos, das suas capacidades e tendências, em oposição aos padrões e normas impostas pela sociedade. Essa tendência desenvolveu-se de forma acentuada durante o século XIX, principalmente com os movimentos de Pestalozzi, Herbart e Froebel, onde eles tentaram desenvolver as idéias de Jean-Jacques Rousseau sobre a educação. Muitas idéias propostas por Rousseau também influenciaram o movimento da educação nova e são discutidas até hoje, já que em muitos aspectos ainda estamos tentando realizar essas propostas.

² ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 60.

A mente, como um feixe de faculdades, devia ser desenvolvida pelo exercício destes vários poderes mediante tarefas adequadas cujo valor consistia nas dificuldades que oferecessem. Estas faculdades eram consideradas sem nenhuma ligação necessária entre si, e daí serem essas disciplinas coisas separadas e distintas. A mais elevada das faculdades, o poder do raciocínio, devia desenvolver-se por uma disciplina apropriada: a matemática, as disputas lógicas e as línguas. Mas a faculdade da qual dependiam todas as outras era a memória. A disciplina da memória tomou então precedência sobre todas os outros exercícios.

O melhor treino para a memória era oferecido pelo aprendizado de material sem nenhum interesse inerente para a criança.

As idéias sociais da época favoreciam o mesmo ponto de vista. A criança era considerada apenas como um adulto em miniatura sem nenhum valor e sem nenhum direito até que pudesse imitar o adulto. Nesta época, a mais artificial de todas em vestuário, costumes, maneiras, diversões, a criança era modelada pelo padrão dos mais velhos. Antes de Rousseau, a criança, tal como aparecia na literatura, era apenas o adulto visto através de um telescópio invertido. Falava como um adulto, pensava como um adulto, agia como um adulto. Do ponto de vista educacional, estudava as matérias que o adulto, especialmente as línguas; enfrentava-as do mesmo ponto de vista lógico, por meio da gramática formal, dominava-as pelo puro esforço de memória fazia o mesmo uso formal delas, na mesma vida artificialmente organizada.

Todos os ensinamentos de Rousseau eram apenas aplicações concretas de seu protesto contra toda essa concepção de educação. Então para ele tinha de seguir o oposto da prática que geralmente aceita e se fizer da maneira que ele acreditasse, dará sempre acerto. Por isso, reiterou numa variedade de formas o pensamento.

“Aconteça o que acontecer, abandonai tudo que torne penosa a tarefa da criança, porque só é importante que ela nada faça contra a sua vontade e não que aprenda muito”.¹

Assim, em Rousseau se encontra a negação do conceito de educação do Renascimento e de todo o seu desenvolvimento posterior.

¹ ROUSSEAU. Apud. MONROE, Paul. *História da Educação*. 13ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p. 259.

As influências de Rousseau na Educação

“Mostro a meta que é preciso atingir, mas não digo que se possa consegui-lo, mas digo que quem dela mais se apropriar terá tido o maior êxito”.

Rousseau

A concepção antiga de educação tinha por alvo refazer a natureza da criança forçando-a aos moldes tradicionais de pensar, de agir e mesmo de sentir. Substituíam as reações instintivas ou naturais da criança pelas reações artificiais desenvolvidas por muitas gerações de formalismo religioso, intelectual e social. As afeições humanas eram um mal e, portanto, o coração devia ser isolado dos objetos aos quais se inclinava naturalmente. Os sentidos humanos eram enganosos, e, portanto, não poderiam constituir a base do conhecimento ou da instrução. As inclinações e instintos humanos, brotando de uma natureza essencialmente depravada, estavam a favor do mal e deviam ser destruídos. Os interesses naturais, como expressão da natureza que a educação e a religião procuravam subjugar e substituir, deviam ser afastados de todos os processos educativos. O valor educativo de uma atividade ou tarefa ia até o ponto em que ela fosse difícil de realizar intelectualmente e fosse agradável emocionalmente. O primeiro passo na educação moral era o de quebrar a vontade da criança, que, em sua perversidade, representava apenas a malícia da natureza humana. Estas as regras que deviam dominar a educação moral e social, no esforço constante de moldar a criança em formas artificiais de conduta satisfatórias ao julgamento do adulto, mesmo que tais formas ocultassem motivos contraditórios na expressão externa.

propostas que surgiram, parece que a escola, em linhas gerais, resiste a transformar-se em se mantém em muitos aspectos, parecida com a escola tradicional. Uma sala de aula com carteiras enfileiradas, lousa, giz e um professor tentando fazer de tudo para ensinar alguma coisa. Os avanços tecnológicos do início do século parecem ainda não ter chegado à maior parte das nossas escolas. O livro impresso, herança do século XVI, parece ser uma das poucas inovações que chegaram à escola.

Se isso acontece não é por falta de idéias e de propostas inovadoras; estas foram freqüentes, principalmente no século XX; e se não conseguiram produzir grandes mudanças em relação aos instrumentos e recursos usados para o ensino, parece que abriram no campo da educação escolar um novo caminho, que devagar, mas firmemente vai se impondo: por um lado, na concepção da educação, o aluno passa a ser visto como o centro e o sujeito do processo educativo; por outro lado, os métodos ativos de aprendizagem passam a ser cada vez mais considerados como os mais adequados para a eficiência do processo educativo.

O aluno só aprende na medida em que aquilo que é ensinado é significativo para ele, é compreendido como capaz de satisfazer suas necessidades. Dessa forma, passa-se a entender que todos os programas de ensino devem ter as necessidades dos alunos, no contexto do mundo em que vivem, como ponto de partida para que sejam alcançados os objetivos educacionais mais gerais.

O aluno aprende de forma mais rápida e duradoura quando aprende fazendo. Por isso, muitos educadores propuseram a transformação dos métodos empregados na escola. O aluno deveria deixar de ser um simples ouvinte passivo que, na prova, se limitaria a repetir o que o professor dissera. Muito mais do que isso, o aluno deveria ter uma participação ativa, fazer experimentos, pesquisas, procurar ele próprio as respostas para os problemas escolares, que seriam ligados à sua vida cotidiana, construir ele próprio o conhecimento. O professor seria um auxiliar, um orientador e não um mero transmissor de conhecimento pronto.

A consideração do aluno como centro e sujeito da própria educação e a ênfase atribuída aos métodos ativos parecem ser os dois aspectos comuns a todas as propostas de educação nova.

Não se trata mais de submeter o homem a valores e dogmas tradicionais e eternos nem de educá-lo para a realização de sua essência verdadeira. A pedagogia da existência se volta para a problemática do indivíduo único, diferenciado, que vive e interage em um mundo dinâmico.

Na pedagogia nova, o aluno é o centro do processo, existindo uma preocupação muito grande com a natureza psicológica da criança. Como a escolha dos conteúdos gira em torno dos interesses infantis, o professor se esforça por despertar a atenção e a curiosidade da criança, sem lhe cercear a espontaneidade. Assim, as noções gerais não seriam transmitidas pelo professor, pois a abstração deve resultar da experiência do próprio aluno. Se o processo do conhecimento é mais importante do que o produto, o conteúdo que é objeto de aprendizagem precisa ser compreendido, não decorado.

Daí a crítica à escola acadêmica e livresca, que privilegia a transmissão de conteúdos, em prejuízo dos processos de descoberta do conhecimento.

A fim de superar o pouco intelectualismo da escola tradicional, a escola nova tem por princípio o "aprender fazendo". O objeto da educação é o homem integral, constituído não só de razão, mas de sentimentos, emoções e ação. Dessa maneira, a escola não está voltada apenas para o intelecto. O corpo também é valorizado, por meio das atividades de educação física e do desenvolvimento da motricidade. O psicólogo suíço Piaget bem mostrou como a atividade mental da criança é inicialmente sensório-motora, e em seguida, predominantemente intuitiva, o exige maior atenção aos movimentos à estimulação da percepção.

Devido a influência da psicologia e ao fato de muitas escolas novas terem surgido a partir do acompanhamento de crianças anormais, há uma constante preocupação com a individualização das atividades, embora não sejam desprezados os trabalhos em grupos, importantes para a socialização das experiências.

Programas e horários tornam-se flexíveis, a fim de atender os ritmos individuais. Como é importante partir do concreto para o abstrato, pesquisas e experiências são estimuladas. Privilegiar a pedagogia de ação significa equipar a escola com laboratórios, oficinas, hortas e até imprensa, também os jogos não se opõem ao trabalho; antes constituem atraentes facilitadores da aprendizagem.

Essa pedagogia nova viu-se também colocada no centro de um vasto movimento de idéias e de proposta de reforma, visando a torná-la mais adequada aos novos tempos e às novas realidades. Entretanto, apesar de todas as idéias e

Pedagogia Nova

“Segui um caminho diferente com vosso aluno, que ele imagine sempre ser o mestre e que vós o sejais sempre. Não há sujeição mais perfeita do que aquela que conserva a aparência da liberdade, cativa-se assim a própria vontade”.

Rousseau

A escola tradicional nasceu em um mundo ainda de certa forma estável, no qual a educação se fazia com base em modelos ideais. Voltada para o passado, essa escola estava preocupada em transmitir a maior quantidade possível de conhecimento acumulado, valorizando, portanto, um ensino predominantemente intelectualista e livresco.

As críticas à escola acadêmica surgem diante da impossibilidade de se continuar pensando em modelos em um mundo marcado por transformações sociais, políticas e econômicas que atingem uma rapidez nunca antes experimentada. Preocupado com o presente e com o futuro, o homem contemporâneo deve se preparar para uma sociedade dinâmica, em constante mudança. Para tanto, precisa aprender a aprender, indo além da fixação de conteúdos predeterminados. Daí o interesse por métodos e técnicas, bem como uma ênfase maior nos processos de conhecimento do que no produto.

Além disso, aspira-se ao acesso de todos ao saber, o que promoveria a mais ampla democratização do ensino e, conseqüentemente, segundo a crença de então, a mobilidade social.

O movimento educacional conhecido como escola nova surge no final do século XIX justamente para propor novos caminhos à educação, que se encontra desalinhada com o mundo no qual se acha inserida. Representa o esforço de superação da pedagogia da essência pela pedagogia da existência.

de se formar como um ser moral e político. Da mesma maneira, toda informação, mesmo fornecida sem a aparente intenção de formação, ao ser assimilada pelo educando, interfere-se na sua concepção de mundo. Com freqüência, a informação pretensamente neutra está, na verdade, carregada de valores.

A educação não pode ser compreendida a margem da história, mas apenas no contexto em que os homens estabelecem entre si as relações de produção da sua própria existência. Dessa forma, é impossível separar a educação da questão do poder, pois a educação não é um processo neutro, mas se acha comprometida com a economia e a política do seu tempo.

Portanto, a educação não pode ser considerada apenas um simples transmissor, mas também um instrumento de crítica dos valores herdados e dos novos valores que estão sendo propostos.

visão da criança como frágil, sujeita à corrupção, leva à exigência de uma disciplina severa.

Quanto à relação entre professor e aluno, a educação tradicional é centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos. O mestre detém o saber e a autoridade, dirige o processo de aprendizagem e se apresenta, ainda como um modelo a ser seguido. Essa relação vertical, porque hierárquica, tem como conseqüência, nos casos extremos, a passividade do aluno, reduzindo-o a simples receptor da tradição cultural.

O conteúdo visa aquisição de noções, dando-se ênfase ao esforço intelectual de assimilação dos conhecimentos. Daí derivam o caráter abstrato do saber, o verbalismo e a preocupação em transmitir o saber acumulado. A valorização do passado é inevitável, assim como o destaque ao estudo das obras-primas. O exagero desses aspectos leva a um distanciamento com relação à vida e aos problemas cotidianos e atuais.

Diante dessa pedagogia tradicional podemos refletir que o homem faz a cultura por meio de seu trabalho, com o qual transforma a natureza a si mesmo. E que o aperfeiçoamento de suas atividades só é possível mediante a educação, fator muito importante para a humanização e a socialização.

Nas sociedades primitivas, a educação se acha restrita, integrada ao próprio funcionamento da sociedade como tal, de modo que todos educam a todos. A medida que os agrupamentos humanos se tornam mais complexos, surgem organizações especificamente encarregadas da transmissão da herança cultural, como a escola se bem que em graus de organizações variáveis, conforme as necessidades. No entanto, a educação formalizada não substitui totalmente a educação informal, que permeia o tempo todo as relações entre os homens.

A educação não é, porém, a simples transmissão da herança dos antepassados, mas o processo pelo qual também se torna possível a elaboração do novo e o rompimento com o velho. Isso ocorre de maneira variável, conforme sejam as sociedades estáveis ou dinâmicas. As comunidades primitivas resistem a mudança, devido ao caráter divino de suas crenças; já nas sociedades urbanas contemporâneas a mobilidade é muito maior. Por isso, na educação não há como separar do ensino, pois, os dois pólos se completam. Como poderia educar alguém sem informá-lo sobre o mundo em que vive? É a partir da consciência da sua própria experiência e da experiência da humanidade que o homem tem condições

Capítulo II: A pedagogia e Rousseau

Pedagogia Tradicional

“A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de ser homens. Se quisermos perturbar essa ordem, produziremos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e nem tardarão em corromper-se teremos jovens doutores e crianças velhas”.

Rousseau

É difícil o desafio de delimitar um conceito tão extenso quanto o da pedagogia tradicional. Sob essa denominação articulam-se as mais diversas tendências no decorrer de pelo menos quatro ou cinco séculos desde o século XVI até o século XX, período em que a escola tradicional sofreu inúmeras transformações.

As críticas feitas a ela pela escola nova costumam caracterizar de forma negativa a totalidade da escola tradicional, vista com desprezo e muitas vezes deformada.

A escola se institucionaliza de maneira mais complexa a partir do Renascimento e da idade moderna, quando exige o confinamento dos alunos em internatos, a separação por idades, a graduação em séries, a organização de currículos e o recurso dos manuais didáticos. Essas mudanças levaram a uma maior produção teórica dos pedagogos. Assim em um primeiro momento, a atenção dada à escola é fruto dos interesses da burguesia nascente, que começa a ver a família e a criança de maneira diferente, buscando proteger seus filhos dos desvios do mundo e dando-lhes uma educação sólida, voltada para o passado. A

aspectos físicos que constituem o indivíduo como homem, no seu sentido mais natural que se possa imaginar no seio da sociedade que conhecemos.

É necessário considerar esta sociedade em que vivemos, tendo em vista o fato de que é para ela que se educam os homens. Se partirmos deste entendimento, podemos compreender que a educação primeira é imprescindível, o que seria diferente, se hipoteticamente, pensamos na possibilidade de uma preparação do homem para habitar simplesmente na selva, onde somente poderíamos contar com o meio natural, para o qual se tornou impossível o retorno do homem com o advento da sociedade. Considerando, portanto, a importância desta primeira educação Rousseau nos diz:

“A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite par alimentarem as crianças. Falarei portanto às mulheres, de preferência, em vossos tratados de educação; pois além de terem a possibilidade de para isso atentar mais de perto que os homens, e de nisso influir cada vez mais, o êxito as interessa também muito mais, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus filhos e que então precisam sentir, em bem ou mal, o resultado da maneira pela qual os educaram. As leis, sempre tão preocupadas com os bens e tão pouco com as pessoas por terem como objetivo a paz e não a virtude, não outorgam suficiente autoridade às mães”.⁶

Nessa observação, Rousseau enfatiza a importância que ele dá à primeira educação, mas também podem fazer uma referência ao sujeito que aparece no pensamento de Rousseau como sendo o primeiro do processo educativo: a mãe. Com isto, podem notar que esta observação segundo o autor do *Emílio*, não se trata de pensarmos a educação conduzida somente pelo professor. Os pais são os primeiros educadores, sendo com estes com quem o indivíduo afirma o seu contrato pedagógico, de forma que fica nas mãos deles a responsabilidade de conduzir o processo educacional segundo os ditames da natureza ou não. Sendo a mãe, segundo ele, o primeiro educador que aparece neste processo educacional, é com ela que o indivíduo estabelece um contrato para que seja garantida a sua formação de homem, considerando-se esta no sentido mais natural possível.

⁶ Ibid, pp. 9-10.

"No estado em que se encontram as coisas, um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais, seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nos achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar dela. Ela seria como um arbusto que o acaso fez nascer no meio do caminho e que os passantes logo farão morrer, nele atendo de todos os lados e dobrando-o em todos os sentidos".⁵

A ausência de uma educação conforme a natureza, que o próprio Rousseau entendeu como uma educação negativa, tem como consequência todo o revestimento do homem dos seus vícios e preconceitos. Ao invés da educação natural, temos o homem desfigurado, que somente age conforme o que a consciência e a razão dizem que deve ser uma sociedade corrupta, que cada vez mais leva o homem a corromper-se, de forma que é cada vez maior a distância da sua aparência atual daquela que lhe era própria ao nascer.

Mas, se queremos pensar na formação do homem, com vistas a sua cidadania, é preciso considerar que o mesmo deve ser educado para ser o homem natural para o qual apontam as determinações da natureza, ratificando-se assim a necessidade de educarmos o homem desde sua primeira infância, para que lhe seja garantida a preservação de todas as suas inclinações naturais, que podem ser corroídas pelo meio social, revestido de hábitos e costumes que imprimem os vícios e os preconceitos no indivíduo.

O processo educacional em Rousseau pode ser dividido em dois momentos distintos. O primeiro destes vai do zero aos quinze anos, quando o indivíduo atinge a adolescência; e o outro que vai daí até o momento em que se tem o homem adulto, o que acontecerá, segundo o entendimento rousseauiano, por volta dos vinte e cinco anos de idade. Mas é da primeira educação que depende a segunda, de forma que podemos afirmar ser somente possível o exercício da cidadania plena mediante a preparação do homem para a sua condição de cidadão, o que não correrá se antes o indivíduo não for devidamente preparado para se firmar como homem simplesmente, o desenvolvimento que guarda sua condição natural de ser. Deste modo, antes de pensarmos no desenvolvimento do intelecto, havemos de pensar no desenvolvimento de todos os

⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 9.

não podendo medir em força, tem organização e agilidade que é respeitado e aceito como parte de um todo.

“... por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível, e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante”.⁴

Considerando essa degeneração do homem, que acontece na sociedade, é que se pode pensar no desenvolvimento humano que se dá a partir do nascimento do homem. Assim, a infância passa a ser considerada por Rousseau o lugar, ou momento do desenvolvimento humano em que se pode identificar o ser humano no seu modo de ser mais natural. Pensar, então, a infância deste ser é, na verdade, pensar no momento em que ele pode se formar enquanto homem natural. É este homem natural que identificamos na infância, que se estende dos primeiros momentos de vida até aos 15 anos, quando começa a sua adolescência, que antecede o cidadão, que somente podemos identificar no homem, quando ele atinge a sua fase adulta.

A partir do momento em que Rousseau considera a necessidade de se pensar na formação desta educação do homem natural, que conhecemos na infância, passa a se perguntar pelo que seria do homem se não lhe fosse dada uma educação conforme a natureza. Esta educação deixa de existir quando o homem passa a se formar de acordo com suas determinações do meio social em que está inserido. Mas, por que não isolá-lo deste meio? Se, ao invés de isolarmos o homem de tudo aquilo que conhecemos da sociedade, deixarmos o mesmo entre os demais, teremos como consequência a sua desconfiguração. Isto Rousseau nos diz, quando chama a atenção para o seguinte:

⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 5ª. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1997, p. 227.

do instante, jamais ultrapassa a estreita medida da necessidade, e esta, inspirada apenas pela natureza, é muito rapidamente satisfeita para que surja a consciência de uma falta, a floresta original prevê a tudo, ou seja, seus desejos não ultrapassam de modo algum suas necessidades físicas e, estes, inspirados pela natureza são imediatamente satisfeitos, pois esta floresta, da qual Rousseau imaginou atende as suas necessidades em tudo. Isso compõe a figura de uma felicidade.

Sua imaginação e seu coração não lhe pedem nada, suas módicas necessidades estão tão em evidência, que longe do grau de conhecimento não deseja senão o que está a seu alcance, não tem pretensões e curiosidades maiores.

A natureza é pura, portanto, isenta de males e, conseqüentemente, tudo que vive ali, é desprovido dos mesmos benefícios, das mesmas condições e o homem natural é tão sadio quanto o lugar onde vive, desta forma, médicos, remédios, são coisas que pertencem a outra realidade e se por ventura o homem tem necessidade de remédios, que a natureza supre por inteiro essa condição por si só.

“Nossos primeiros deveres são para conosco; nossos sentimentos primitivos concentram-se em nós mesmos; todos os nossos movimentos naturais dizem respeito inicialmente à nossa conservação e ao nosso bem-estar”.³

Esta condição é seguramente uma situação bem saudável para nós. O homem natural nada tem a temer além das coisas que lhe são destinadas naturalmente, a natureza tem a seus cuidados todos os que dela fazem parte tornando-os mais robustos, vigorosos, dotados de forças e coragem, enquanto que o homem civil, ao tornar-se sociável, é mais fraco e perde a metade destas vantagens.

O homem natural, adaptado e convivendo, gozando assim de sua liberdade com todos os outros animais desde criança não menospreza-os, pois fazem parte desta mesma natureza, apenas cria um domínio, baseando em sua capacidade superior em todos os seus movimentos aos outros animais, embora,

³ *Ibid*, p. 84.

“hábitos” na educação. “O único hábito que se deveria permitir à criança é o de não contrair hábitos de espécie alguma”.¹ O hábito, no sentido de disposição primária, não alterado pela instrução ou pela sugestão de outros, deve merecer considerações. O hábito, em seu significado usual, como método fixo de ação adquirido por imitação direta ou pela sugestão de outros deve ser evitado.

O terceiro sentido em que *natureza* é usado, indica a natureza inanimada subumana. A má educação que provém do contato dos homens deve ser contrabalançada pelo contato, direto e íntimo, com animais, com plantas e com os fenômenos físicos e forças de todas as espécies.

“(…) considerai primeiramente que querendo formar um homem da natureza, nem por isso se trata de fazer dele um selvagem, de jogá-lo no fundo da floresta; mas que, entregue ao turbilhão social, basta que não se deixe arrastar pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; que veja com seus olhos, que sinta com seu coração (...)”²

Jean-Jacques Rousseau descreve o homem e sua condição primeira, e essa fase primitiva é um paraíso onde o homem e a natureza estão interligados. Gozando de liberdade e felicidade o homem sairá da animalidade somente quando tiver tido a oportunidade de exercer sua razão.

Esta descrição é feita mais para ele mesmo, baseando em experiências vividas, um fantasma de infância. No estado em que viviam os homens, espalhados pela floresta, Rousseau imaginou a humanidade primitiva completamente livre, sem vínculo algum ao seu semelhante, sem se prender a nada. Existe uma harmonia do indivíduo com o mundo, um faz parte do outro, gozam do equilíbrio perfeito, nada os escraviza. No estado de dispersão em que Rousseau imagina a humanidade primitiva, nenhum desejo de comunicação se sente separado, nenhuma metafísica o afasta ainda do objeto exterior. Sua relação com o mundo circundante se estabelece no equilíbrio perfeito, o indivíduo faz parte do mundo e o mundo faz parte do indivíduo. Há correlação de acordo harmonizado entre a necessidade, o desejo e o mundo. O desejo circunscrito no limite estreito

¹ ROUSSEAU. Apud. MONROE, Paul. **História da educação**. 13ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p.259.

² ROUSSEAU. Apud. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 1996, p. 114.

A Educação Natural

“Observai a natureza e segui o caminho que ela vos indica. Ela exercita continuamente as crianças, ela enrijece seu temperamento mediante experiências de toda espécie”.

Rousseau

Essa influência de Rousseau na educação é um processo natural e não artificial. É um desenvolvimento interno e não um acréscimo exterior. Vem por meio de ação dos instintos e interesses naturais, e não por imposição de uma força externa. É uma expansão das aptidões naturais, não uma aquisição de informação. É a própria vida, não uma preparação para um estudo futuro, distante da infância em interesses e características.

Rousseau empregou o termo “natureza”, como outros, freqüentemente, de modo vago, dando três significações à natureza.

A primeira mostra como um estado de cultura elevada pode basear-se em um princípio político mais verdadeiro, e assim num tipo mais nobre de vida social. Assim, uma educação baseada não nas formas da sociedade, nas tradições sem sentido da escola e na completa ignorância da infância, mas no conhecimento da verdadeira natureza do homem.

O segundo significado dado à “natureza” é que os juízos instintivos, as emoções primitivas, os instintos naturais, as primeiras impressões, são mais dignas de confiança, como bases de ação, do que a reflexão ou a experiência que adquirimos em contato com outros. É através desta disposição, antes de ser alterada por hábitos de pensamento adquiridos de outros, é que Rousseau denomina a natureza. Portanto, Rousseau ataca constantemente a formação de

desenvolvimento do homem natural. Deve-se manter a inocência para não envelhecer cedo. No homem natural predominam paixões baseadas no amor de si que se transforma em amor próprio. A noção de bem e mal ocorre no homem social. Pela ausência do preconceito, Emílio aceita seus semelhantes independentemente de sua posição. O preceptor deve escolher atividades campestres e convivência de pessoas simples. Conhecer as pessoas de preferências por biografias e não pela história, pois diz mais a ação dos homens que o relato destas ações.

Enquanto a criança nada sabe de livros e daquilo que passa por conhecimento, por outro lado ela julga, prevê, raciocina sobre tudo o que diretamente se relaciona com ela, pois essa educação deverá ser um largo treino dos sentidos, obtido pelo contato íntimo com as forças e fenômenos da natureza. Ela mede, pesa, conta, compara, conclui, prova inferências, descobre princípios.

Por esta educação negativa, sob forma paradoxal e brilhante, Rousseau não sustentava uma ausência completa de educação, mas uma educação diferente em “espécie” das práticas educativas geralmente aceitas. Ele acreditava que essa educação era negativa devido ao aperfeiçoamento dos órgãos que são os instrumentos do conhecimento, antes de dar este conhecimento diretamente e que busca preparar o caminho para a razão, pelo exercício adequado dos sentidos. Assim, uma educação negativa não significa um período de indolência, mas ela não dá virtude, protege contra o vício, não propõe a verdade, protege contra o erro. Dispõe a criança para que tome o caminho que conduzirá à verdade, quando adquirir a faculdade de reconhecê-la e amá-la.

Liberta da tirania das opiniões humanas, a criança, por si mesma, e sem nenhum esforço especial, identifica-se com as necessidades de sua vida imediata e torna-se auto-suficiente. Vivendo fora do tempo, ainda precisando das coisas artificiais e não encontrando qualquer desproporção entre desejo e capacidade, vontade e poder, sua existência vê-se livre de toda ansiedade com relação ao futuro e não é atormentada pelas preocupações que fazem o homem adulto civilizado viver fora de si mesmo.

É necessário, contudo, prepará-la para o futuro. Isso porque ela tem uma enorme potencialidade, não aproveitada imediatamente. A tarefa do educador consiste em reter pura e inata essa energia até o momento propício. Nesse sentido, é particularmente importante evitar a excitação precoce da imaginação, porque esta pode tornar-se uma fonte de infelicidade futura. Outros cuidados devem ser tomados com o mesmo objetivo e todos eles podem ser alcançados ensinando-se a lição da utilidade das coisas, ou seja, desenvolvendo-se as faculdades da criança apenas naquilo que possa depois lhe ser útil. Assim a educação negativa incita a criança a conhecer seus próprios gostos para proteger-se dos preconceitos estimulados por outros. Pela educação negativa favorece-se o

A Educação Negativa

“A educação primeira deve portanto ser puramente negativa. Ela consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro”.

Rousseau

Rousseau pensou nessa educação como a concepção dominante da natureza humana e especialmente da natureza da criança reforçada pela educação e pelos ensinamentos educativos e religiosos, era considerada essencialmente má. O propósito da educação religiosa como o da educação em geral era destruir a natureza original e substituí-la por uma natureza modelada sob a direção do homem.

A educação de cinco a doze anos é o período mais crítico da vida humana, deve ser controlado por dois princípios: a educação deve ser negativa e a educação moral alcançada pelas conseqüências naturais. Ao invés de tentar, e como se fazia geralmente, dar à criança toda sorte de idéias, nada em absoluto deveria ser feito para modelar ou forçar seu espírito. A infância tem em si mesma seu fim. Pois a natureza determina que as crianças sejam crianças antes de serem homens, sendo assim, não é necessário ensinar a criança a ler, embora ela provavelmente chegue a isto por si mesma. Dificilmente ela saberá o que é um livro.

“Exercitai o corpo, os órgãos, os sentidos e as aptidões, porém que ela mantenha sua alma em repouso tanto quanto possível”.¹

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 80.

O amor próprio, no qual estão ocultos o bem e o mal, deve visar agora, irrevogavelmente, o bem. A base de tudo isto é a vida afetiva. Dos primeiros momentos do coração, surgem as primeiras manifestações da consciência, e dos primeiros sentimentos de amor e de ódio decorrem as primeiras noções do bem e do mal. Esta formação deve ser assegurada, nos primeiros períodos, pelo cultivo de sua moléstia natural por meio da educação negativa. E assim, não pelo preceito, mas pelo contato com os homens, pelo exemplo de seu preceptor e pelo estudo da história, seria dado o devido desenvolvimento a essas tendências. Por conseguinte, a educação não amadurece abandonando a criança à sociedade, porque o “bom selvagem”, transplantado para a nossa sociedade, não estaria em condições de viver nela. Daí as modalidades do trajeto pedagógico, que deve preparar para a vida social, subtraindo o educando daqueles comportamentos nefastos, egoístas e conflitivos que é preciso eliminar lentamente no quadro do novo contrato social.

E isso comporta a educação do homem inteiro, sentimentos e razão, naquela vontade geral e naquele bem comum que são os pilares de nova construção social. A educação é o caminho para a sociedade renovada, com todo o seu rigor e a sua expansão social, bloqueando no berço toda forma de egoísmo, bem como toda forma de ansiedade pelo futuro, que apaga a alegria do presente. A certeza de uma sociedade harmônica, dominada pela vontade geral, evita aqueles falsos sentimentos provocados por uma sociedade competitiva e nos convoca a desfrutar do presente e de toda situação, livres dos temores e dos fantasmas da imaginação de um futuro competitivo e conflitivo.

Rousseau propôs para a educação da criança, fazendo uma certa revolução copernicana no tratamento dado à infância. Podendo referir a uma certa “revolução” por sabermos das mudanças que já se processavam no trato com as crianças por parte de pais e professores.

Para Jean-Jacques Rousseau, Emílio nos dá impossibilidade de formar ao mesmo tempo o homem e o cidadão. Mas, considerando, por outro lado, a necessidade de termos homens capazes de assumir sua cidadania, faz-se necessário também compreender a necessidade de formar o homem, o que não poderá ser feito concomitantemente à formação do cidadão, nem muito menos em um momento posterior. O ser, que desde o seu surgimento no mundo, é designado como ser humano, não poderá prescindir da sua formação de homem carecendo assim da sua educação a partir do seu nascimento.

resultarão em loucura e miséria. O fruto de uma boa educação está em fazer um homem razoavelmente educado pela razão e pelo bom senso.

Na educação dos doze aos quinze anos, Rousseau destaca uma educação intelectual que tem por resultado geral a multiplicação de necessidade, sem nenhum desenvolvimento correspondente do poder para enfrentá-la, este é um período na vida em que o maior empenho deve ser aplicado para a aquisição do conhecimento. Entretanto, há relativamente poucas coisas de real valor a aprender. A curiosidade, a ânsia de conhecer que vem dos desejos naturais e não do desejo de ser considerado sábio, é o único motivo, a única orientação. A prova final de tudo é o emprego prático, rejeitando-se os conhecimentos pelos quais o indivíduo não tem um gosto natural e aceitando-se aqueles aos quais é conduzido pelo instinto. A aprendizagem de um ofício tem muitas vantagens sociais e ajuda na educação.

No período de quinze a vinte anos, Jean Jacques Rousseau acredita que agora o jovem deve ser educado para a vida em comum e para as relações sociais. O amor aos semelhantes deve tornar-se a força motora principal; o desenvolvimento emocional e a perfeição moral, o objetivo.

Rousseau foi o primeiro a chamar atenção para a importância transcendental do período da adolescência na educação. Neste estágio, finda o curso ordinário da educação, mas rigorosamente falando, aí é que se vai começar. Até então, Emílio não fora levado, salvo indiretamente, a ter contato com outros, não fora obrigado a adaptar-se à conduta e aos interesses de outros, não conheceu outros motivos que não os do interesse e da curiosidade própria. Provavelmente nunca ouviu o nome de Deus. Agora sua educação deve ser estritamente moral e religiosa. Seus afetos pessoais anteriores têm sido meros resultados do convívio habitual, baseados na união de simpatia e experiência emocional. Modifica-se todo caráter de sua educação.

“O estudo mais adequado para o homem é o de suas relações. Enquanto não conhece senão sua existência física, o estudo se restringe às suas relações com as coisas, este é o emprego da infância. Quando começa a sentir a sua existência moral deve então, inquirir sobre as suas relações com a humanidade, porque esta é a ocupação própria de toda sua existência”.⁴

⁴ ROUSSEAU. Apud. MONROE, Paul. *História da Educação*. 13ª. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978, p. 263.

mais importante é que ela aprenda a pensar por si própria, conquistando aos poucos seus objetivos e construindo assim seu conhecimento.

A experiência e a espontaneidade são as chaves principais do processo educacional. Uma educação constituída por uma liberdade bem ordenada, onde a criança será conduzida para a prática de suas capacidades, ou seja, de seus dons e talentos. O homem verdadeiramente livre deseja apenas o que pode e realiza o que lhe agrada. A partir daí a criança torna-se paciente, modesta, resignada e calma, aprendendo a suportar com paciência as necessidades das coisas, mas não a má vontade alheia.

No período de um a cinco anos, geralmente, a criança é submetida a diversas restrições, como é o caso do excesso e o aperto das roupas, a falta de liberdade, a vida fechada, a repressão às inclinações e aos desejos naturais, a punição antes que ela consiga entender o erro e o motivo da punição. A liberdade segundo a natureza, que tornará a criança forte, implicará um corpo obediente e protegido contra o vício.

“A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. A infância tem certos modos de ver, de pensar e de sentir inteiramente especiais”.³

A natureza indica o caminho a ser seguido no processo educacional, pois, desde cedo ela fortalece o temperamento da criança mediante experiências de várias espécies, mas ocorrem de forma lenta e cuidadosa, tornando-a corajosa e forte para realizar seus objetivos. Cada qual avançará segundo seu gosto, suas necessidades e seus dons naturais. Daí então, surge a necessidade de educar a criança com o objetivo de deixá-la aplicar livremente o desejo de mover-se, de brincar e de tomar posse de seu próprio corpo. O bem-estar que a liberdade lhe proporciona compensa muitos tropeços que levarão ao aprendizado que necessita. O caminho de felicidade verdadeira para a criança está na diminuição do excesso de seus desejos sobre potencialidades e pôr em perfeita igualdade o poder e a vontade. Por isso, a felicidade da criança consiste no exercício da sua liberdade, mas uma liberdade ponderada que não desperte vícios, tirania e obsessão, pois quando ela é acostumada a ter tudo o que quer e ter realizados todos os seus desejos, se torna possessiva, dominadora e autoritária, ela jamais se sentirá satisfeita e sempre desejará mais do que pode. A fraqueza e o desejo reunidos

³ ROUSSEAU. Apud. REALE, Geovani. *História da filosofia*. 4ª. ed. São Paulo: Paulus, p. 774.

Acredita numa educação criativa, atuante, com métodos práticos e dinâmicos, com o intuito de ensinar a partir de uma experiência vivida e de um contato direto com a natureza. Nesse processo natural de aprendizagem, a meta principal é o aluno, que, com o auxílio do professor-mediador, deixa fluir de dentro de si o saber intrínseco e o saber adquirido. O conhecimento para a criança não é algo pronto, determinado, mas algo que será construído dia-a-dia, de acordo com sua prática diária e com o desenvolvimento ordenado de suas potencialidades.

A vocação natural do homem é viver, e este é o ofício a lhe ser ensinado. O homem nasce fraco, indefeso, desprovido de tudo. Vendo-se necessitado de assistência e de atenção busca ajuda na educação que vem de três origens: vinda da natureza, dos homens e das coisas. Esse processo de busca surge a partir do seu nascimento. É no desenvolvimento de suas sensações e desse bem com o mundo e com seu próximo. Os instintos vão amadurecendo lentamente, a ponto de oferecer-lhe densidade e consistência a razão.

Outro princípio essencial da pedagogia de Rousseau é o da atividade, a aprendizagem pela própria experiência, ao invés de pelo ensino alheio:

“Ponde vosso aluno atento aos fenômenos da natureza, depressa o fareis curioso para alimentar-lhe a curiosidade, não vos apresseis jamais em satisfazê-la”.²

Segundo Jean-Jacques Rousseau, se o aluno chegar a errar, não convém que nós o corriamos logo de início, mas é necessário esperar o momento certo para que ele próprio possa reconhecer e corrigir seus erros; no máximo, em momento favorável, apresentar algum modo de fazê-lo ver o erro. Deve respeitar o desenvolvimento natural da criança que ainda não deve estudar matérias de adultos, línguas, etc., como geralmente acontecia. Assim, o processo educativo deve acompanhar todas as fases de crescimento e amadurecimento da criança, sendo uma educação permanente, variando de acordo com seus estágios de desenvolvimento. Cada etapa deve ser respeitada e valorizada a partir do desenvolvimento de suas aptidões natas. E essa educação infantil surge no despertar de suas capacidades naturais, de suas inclinações para o saber. O conhecimento livresco, meramente transmitido tem pouco valor para a criança, o

² ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1992, p. 166.

A Educação para Rousseau

“A educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos e a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas”.

Rousseau

Rousseau ressalta com grande relevância a importância de uma educação natural e ao mesmo tempo renovada, direcionada à pessoa humana, fundamentando-se na liberdade do homem natural, onde o principal objetivo é a reconstrução de um homem social participante de uma sociedade racional que respeite a natureza. E essa natureza é o primordial na teoria rousseuista; mas é interpretada de várias maneiras. Externamente, é o oposto das convenções sociais tão desenvolvidas ao tempo; o contrário do artificioso e mecânico, nesse sentido, Rousseau busca o homem primitivo, natural, anterior a tudo quanto é social. Mas isso é apenas o aspecto exterior, negativo, de uma sua concepção da natureza. O positivo é valioso, é a natureza como equivalente ao essencial do homem, o que tem valor substantivo e permanente. Nesse sentido, antes, cumpre falar do humanismo que do naturalismo de Rousseau. A natureza humana é regida por leis gerais, racionais, acima de todas as circunstâncias históricas e sociais. Na ordem natural, diz ele ao falar do Emílio:

“Viver é o que eu desejo ensinar-lhe. Quando sair das minhas mãos, ele não será magistrado, soldado ou sacerdote, ele será, antes de tudo, um homem”.¹

¹ ROUSSEAU. Apud. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª. ed. ver e atual. São Paulo: Moderna, 1996, p. 121.

naquela carta. Em 1756 também, põe-se a escrever o romance "A nova Heloísa", típico de sua personalidade romântica.

Rousseau, em 1762 publica um de seus mais conhecidos e influentes trabalhos: "Emílio ou da educação" e "Do Contrato Social". Os dois livros, após suas publicações, foram considerados ofensivos a autoridade e assim Rousseau inicia um período difícil de perseguições políticas. Seus problemas não são mais com amigos ou amantes, mas com o parlamento. Refugia-se em Neuchâtel. Voltaire, através de um panfleto critica Rousseau, magoando-o fortemente. Assim, pôs-se a escrever *As confissões*, relatando toda a sua vida e pensamento, sendo assim, uma espécie de autobiografia sintetizando-o como homem, filósofo, educador e romântico.

Em seus últimos anos de vida, Rousseau escrever os *Devaneios de um caminhante solitário*, com descrições da natureza e dos sentimentos humanos. Faleceu em Ermenoville e é enterrado na Ilha de Choupos.

Em Annency, perto de Genebra, conheceu Louise Warens, que foi sua mãe, amiga e amante. Depois de ter ficado algum tempo na casa de Louise, aos dezessete anos, tornou-se seminarista, o instrutor de Emílio foi produzido tendo como fonte de inspiração esta sua estada no seminário. A música era uma de suas paixões e se dedicou a aprendê-la. Percorre algumas cidades e em uma delas tenta empregar-se como músico, mas com o nome falso, em outra trabalhou copiando música, depois trabalhou para o rei como secretário.

Não obtendo melhoras em sua saúde, acreditou ser uma doença do coração e viajou para se tratar. Durante esse período assistiu a uma peça de Voltaire, teve um caso com Larnage e esqueceu Louise.

Em 1749, participou de um concurso proposto pela Academia de Dijon, com a tese: "Contribuiu a restauração das ciências para a pureza ou para a corrupção dos costumes?" A resposta foi negativa e construída sobre a doutrina do "estado natural". Esta idéia foi muito discutida durante este período, chegando alguns a dar-lhe a mesma forma em que a colocava então Rousseau.

No *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750), Rousseau articulou o tema fundamental que corre através de sua filosofia social: o conflito entre as sociedades modernas e a natureza humana e ressalta o paradoxo da superioridade do estado selvagem, proclamando a "volta da natureza". Ao mesmo tempo, denuncia as artes e as ciências como corruptoras do homem. Nessa ocasião, Rousseau caiu doente e desenganado por médicos, pensa em reformular sua vida adaptando-se à doença e afastando-se da agitação social.

A Academia de Dijon propõe novo trabalho, desta vez sobre a origem da desigualdade entre os homens. Para escrevê-lo passeando nos bosques em Saint Germin, procura recriar na mente a imagem do homem natural. Desenvolveu o tema de que da própria civilização vinham os males que afligiam o homem civilizado. Considera os homens iguais no estado natural, quando viviam isoladamente como selvagens, e que a civilização se encarrega de introduzir a desigualdade. Embora sem êxito, sem o prêmio, é seu segundo escrito sensacional. Sua fama estava assegurada.

Em 1756, Rousseau escreve uma carta a Voltaire, dando-lhe conselhos sobre sua visão negativa do mundo. Rousseau diz que o livro "Cândido ou o otimismo" foi uma resposta sarcástica a seus pontos de vista otimistas, expressos

Capítulo I: Rousseau e a Educação

Rousseau

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), nasceu em Genebra, no dia vinte e oito de junho. Orgulhava-se de sua origem genebrina, porém recebeu influências da França, uma vez que sua família era de origem francesa. Possuíam pequena fortuna e conseqüentemente eram pequenos burgueses, pertencendo a uma família de relojoeiros.

Tendo perdido sua mãe, Suzane, uma semana após o parto, foi criado pelo pai, Isaac, este era um tanto despreocupado e instável. Teve um irmão que se chamava François, mas não chegou a conhecê-lo, pois era desaparecido. Suzane era de família mais importante que Isaac. É mencionada por Rousseau com muita emoção.

Nos primeiros anos de sua vida, sua educação foi de permissão e prazeres. Desde muito cedo aprendeu a ler, lia com seu pai por horas a coleção de romance deixada por Suzane e foi através desta coleção que tirou a primeira parte de sua educação. Ao esgotar estes livros, teve como ampliar e diversificar sua leitura na biblioteca do avô.

Após um desentendimento com um capitão francês, teve que abandonar Genebra em 1722, retornou com 12 anos, empregou-se como menino de recados e com este ofício aprendeu mais de fraude, negligência e desonestidade do que propriamente a profissão em si. Quatro anos mais tarde, ainda consultando somente os caprichos dos sentimentos, tornou-se um vagabundo comum. Esta vida, continuada por diversos anos, teve o mérito de reforçar seu amor e seu conhecimento na natureza.

apto em termos sexuais, em que ele deverá estar preparado para enfrentar os desafios que surgirão no decorrer de sua caminhada.

Para Rousseau, o verdadeiro trabalho educacional consiste em estimular o desenvolvimento dos sentimentos positivos. Assim, a educação não deve enfatizar tanto a transmissão racional dos conhecimentos ou a descoberta do mundo exterior. O objetivo prioritário da educação deve ser o desenvolvimento do equilíbrio psicológico, da evolução sadia dos sentimentos, pois sem essa base essencial, tudo o mais torna-se desprovido de autêntico significado e valor.

Rousseau não dá muito valor ao conhecimento transmitido, ele quer que a criança aprenda a pensar, não como um processo que vem de fora para dentro, ao contrário, como desenvolvimento interno e natural, pois assim, em lugar do enorme valor atribuído à transmissão de conhecimentos, ele destacou a importância do desenvolvimento da personalidade individual do aluno. Substitui a ênfase na razão, pela ênfase na emoção, o lógico pelo psicológico.

Sua obra apresenta um novo conceito de educação, que surge como uma nova exigência do novo pacto social contrapondo-se as idéias predominantes da época que reduziam a educação a um processo artificial e meramente intelectual. Essa nova visão destaca: a educação natural e não artificial, a educação como um processo, a simplificação do processo educativo e a importância da criança no processo educacional.

Serão abordados também a importância das idéias inovadoras entre as idéias tradicionais e as correntes da Pedagogia Nova, onde Rousseau defendia a bondade natural do ser humano. Não havia, segundo ele, qualquer perversidade original no coração humano. O mal existe, mas vem ao homem, de fora, de outra fonte que não ele mesmo.

Espera-se que todos que entrarem em contato direto ou indiretamente com a monografia, possam adquirir um pouco mais de conhecimento do trabalho educacional de Rousseau, desenvolvendo assim a possibilidade individual do educando de fazer desabrochar a natureza de cada pessoa, estimulando o talento e a capacidade, defendendo a liberdade de pensamento, o questionamento racional e iniciativa intelectual do aluno.

Introdução

O Iluminismo foi um período muito rico em reflexões pedagógicas, porque um de seus aspectos marcantes está na pedagogia política, centrada no esforço para colocar a escola leiga em função do Estado. Foi no espírito do Iluminismo que Rousseau e inúmeros pensadores, mesmo não sendo propriamente educadores, encararam o ensino como combate às superstições. Assim, ele começou as idéias educacionais em sua obra *Emílio*, que se refere a um aluno ideal concebido por ele para ilustrar suas idéias sobre educação.

Um dos destaques principais de sua obra é sua visão naturalista da educação, pois seu projeto propõe uma educação conforme a natureza, entretanto, não significa retornar à vida selvagem ou primitiva, e sim buscar a verdadeira natureza ou vocação do ser humano. Assim, da mesma forma que o cidadão elabora as leis da sociedade democrática, também a educação busca a espontaneidade original, livre da escravidão, a fim de que o homem seja dono de si mesmo, agindo por interesses naturais e não por constrangimento exterior e artificial.

O processo educacional deve ser contínuo, acompanhando todas as fases de desenvolvimento da criança, respeitando assim todas as características próprias de cada uma: A primeira delas, a criança de 1 a 5 anos, desenvolve as atividades motoras e a percepção sensorial, o desabrochar dos sentimentos; a segunda, a educação deve consistir em não impor nada que contrarie as inclinações naturais da criança. Trata-se do método da educação negativa que representa a ausência de todo e qualquer procedimento tradicional de ensino; a terceira, Rousseau denominou esse período de idade da razão, fase em que surge na criança o julgamento racional; e a quarta, Rousseau considerava como período de fundamental importância, pois é nessa fase que o homem torna-se plenamente

Índice

Introdução	5
Capítulo I: Rousseau e a Educação	
Rousseau.....	7
A Educação para Rousseau	10
A Educação Negativa	15
A Educação Natural.....	18
Capítulo II: A pedagogia e Rousseau	
Pedagogia Tradicional	24
Pedagogia Nova	27
As influências de Rousseau na Educação	30
Conclusão	33
Referências Bibliográficas	37

Dedicatória

Quero dedicar esta Dissertação Filosófica a Deus que com sua elementar presença me proporciona força, para que possa conquistar mais essa etapa para meu desenvolvimento social e intelectual, onde espero vir inúmeras outras, no decorrer de meu viver.

Com especial carinho, a todos os meus familiares, ao meu esposo Wandair e a minha sogra Salomé que fizeram muito por mim nestes quatro anos. E àqueles que encontramos em nosso caminho e conosco constituíram um sonho abrindo mão de momento de convívio.

A todos os mestres do Curso de Filosofia que nos fizeram conceber uma outra visão do mundo, começando por nós mesmos. Aos meus colegas onde passamos a conviver nesses quatro anos, em busca do mesmo objetivo, aprendendo a compreender e a respeitar a individualidade de cada um, todos sem exceção, terão um lugar muito especial em meu coração, pois a saudade dessa etapa já faz parte de minhas lembranças.

Neide Rosa de Lima dos Anjos



A EDUCAÇÃO DO HOMEM EM ROUSSEAU

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do Professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

S - 30690

Tombo n° 8446.....
Classif:
Ex.: 1.....
.....
.....
.....
Origem: d.....
Data: 16.03.04.....

Rubiataba/2003

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

A EDUCAÇÃO DO HOMEM EM ROUSSEAU

Neide Rosa de Lima dos Anjos

Rubiataba/2003